

Garimpeiros dominam reserva indígena

A reserva indígena Sararé, localizada entre os municípios de Pontes e Lacerda e Vila Bela, está repleta de invasores, que exploram os recursos naturais e controlam a vida dos índios, inclusive impedindo a visita de membros da Fu

Nelson Francisco

Da Redação

Cerca de 1.200 garimpeiros e 800 madeireiros voltaram a invadir no último final de semana a reserva indígena Sararé, localizada entre os municípios de Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade, a 540 quilômetros de Cuiabá. Na área de 65 hectares são constantes os conflitos entre índios e pistoleiros contratados por garimpeiros e madeireiros. No local, vivem 67 índios da tribo Nhambiquara, sendo que muitos estão com doenças provocadas pelo mercúrio que é utilizado na atividade garimpeira. Além dos conflitos, o impacto ambiental na reserva já pode ser observado. O rio Água Suja está totalmente assoreado e o seu curso foi desviado.

"A situação no local é a mais precária possível", disse o consultor do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), Villi Fritz Seilert, que esteve próximo da reserva. Villi e os representantes da Fundação Nacional do Índio (Funai) foram impedidos pelos madeireiros de entrar na reserva para visitar os índios. "Antes, os índios permitiam a ação dos madeireiros. Hoje, são eles quem controlam o trânsito dos índios em sua própria reserva", diz.

A dramática situação em que vivem os índios Nhambiquara da reserva Sararé em função dos constantes conflitos já foi denunciada

num documento de protesto ao Banco Mundial (Bird). No relatório, enviado no mês de maio à instituição, as entidades não governamentais (Ongs) ligadas aos direitos indígenas cobraram a suspensão da emissão das parcelas do financiamento do Programa de Desenvolvimento Agroambiental (Prodeagro) até que medidas urgentes sejam tomadas para a desocupação da área pelos garimpeiros e madeireiros. E ainda que sejam definidos os limites das áreas indígenas do Vale do Guaporé onde ocorrem os constantes conflitos.

No documento, as lideranças indígenas sugerem aos representantes do Banco Mundial que seja feita uma reavaliação na área para que seja cumprido o acordo firmado em 1992 com a assinatura do contrato

com o Prodeagro. O contrato tinha como objetivo implementar ações de fiscalização no Vale do Guaporé.

Passados dois meses, o Banco Mundial enviou resposta para as ONGs que assinaram o "documento protesto" se comprometendo em intensificar a fiscalização na área e a retirada de garimpeiros e madeireiros com o apoio do governo do Estado através da Fundação Estadual de Meio Ambiente (Fema), Polícia Florestal e Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama).

Entretanto, após a fiscalização dos órgãos ambientais e a retirada dos garimpeiros e madeireiros, nova invasão aconteceu. "Na realidade, eles nunca saíram definitivamente da área", diz Fritz.

Piquizal

Pistoleiros enfrentam PF

Da Redação

Além da reserva Sararé, a área indígena denominada Piquizal, onde vivem os índios Alan-tesu, subgrupo dos Nhambiquaras, também foi invadida por 200 posseiros há algumas semanas. Segundo Villi Fritz, os posseiros estão fortemente armados e a Polícia Federal se recusa a entrar na área, pois alega falta

de estrutura para enfrentar os pistoleiros. A administração da reserva indígena Sararé está a cargo dos funcionários do Inera, cuja sede fica em Cacoal (RO) e não em Mato Grosso. Os representantes dos índios consideram que as chamadas "operações para desocupação" não estão apresentando resultados desejados. (N.F.)